

Relações sociais capitalistas e Neoextrativismo: um estudo sobre os arranjos socioeconômicos do Dendê na Amazônia Oriental (Paper 593)



*Marlon Kauã Silva Cardoso*¹

RESUMO

A expansão do neoextrativismo do dendê, na Amazônia Oriental, ganhou força por meio do Programa Nacional de Produção de Biodiesel (PNPB) e do Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil (PSOP), influenciado por diversos grupos de interesse vinculados à agricultura da palma e à agricultura familiar. Dessa forma, este artigo busca ressaltar, no mínimo, dois tipos de relações sociais capitalistas que estão na base da economia do dendê: a agricultura por integração, presente em alguns municípios do nordeste paraense, e, em especial, o que chamamos de “agricultura por associação”, com ocorrência em Igarapé-Açu/PA. A pesquisa é de natureza qualitativa, combinada com levantamento bibliográfico da literatura especializada em estudos sobre o agronegócio do dendê. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com os produtores rurais associados à palma, com o objetivo de obter evidências sobre a agricultura por associação na região. Através de nossa interpretação sociológica, nossos achados apontam para um arranjo produtivo de caráter aberto para fora e fechado para dentro, autônomo e autocéfalo, em que a relação dialética entre tradição e modernidade está na base do domínio do neoextrativismo do dendê sobre a terra em Igarapé-Açu/PA.

Palavras-chave: Neoextrativismo do dendê. Agricultura por integração. Agricultura por associação.

¹ Graduado em Ciências sociais, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre em Sociologia (PPGSA/UFPA). Doutorando em Sociologia (PPGSA/UFPA). E-mail: marlonka.mk@gmail.com.

ABSTRACT

The expansion of neo-extractive palm oil farming in Eastern Amazonia gained momentum through the National Biodiesel Production Program (PNPB) and the Sustainable Palm Oil Production Program in Brazil (PSOP), influenced by various interest groups linked to palm oil agriculture and family farming. Therefore, this article seeks to highlight at least two types of capitalist social relations that underlie the palm oil economy: integrated agriculture, present in some municipalities in northeastern Pará, and, in particular, what we call "associative agriculture," occurring in Igarapé-Açu/PA. The research is qualitative in nature, combined with a bibliographic survey of specialized literature on palm oil agribusiness studies. Semi-structured interviews were conducted with rural producers associated with palm oil farming, with the aim of obtaining evidence about associative agriculture in the region. Through our sociological interpretation, our findings point to a productive arrangement that is open to the outside and closed to the inside, autonomous and self-governing, where the dialectical relationship between tradition and modernity underlies the dominance of neo-extractive palm oil production over the land in Igarapé-Açu/PA.

Keywords: Palm oil neo-extractivism. Agriculture by integration. Agriculture by association.

INTRODUÇÃO

Através da criação do Programa Nacional de Uso de Biodiesel (PNPB), em 2004, e do Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil (PSOP), em 2010, a dendeicultura passou a ser estimulada com mais intensidade na Amazônia paraense (Nahun; Santos; Santos, 2020). Na Amazônia, o óleo de amêndoa do dendê passou a ser visto como matéria vegetal para o biocombustível.

O Estado, com isso, continua a ser o principal indutor dessa economia neoextrativista no nordeste paraense. Ele possuía (e possui) diversos grupos de interesse que, cada qual ao seu modo e por vias institucionais distintas, sobretudo os grupos produtores de dendê, o induziram a formular políticas públicas para a expansão da palma. Durante os governos Lula (2002-2010), houve a conciliação de diversos interesses de capitais, entre eles financeiro e industrial, com o proletariado emergente e a classe média. Do ponto de vista rural, da agricultura, o Estado buscou conciliar os interesses divergentes do agronegócio e da grande agricultura com a agricultura familiar (Mota; Júnior; Schmitz, 2019).

A monocultura do dendê, endossada pelo Estado, passa, com isso, a ser uma atividade neoextrativista predominante na Amazônia Oriental. Esse neoextrativismo concentra, no Pará, 90% da produção nacional voltada para a indústria cosmética e para o biocombustível (Embrapa, 2016), reproduzindo em larga escala a lógica do consenso de commodities: “[...], intensificando as assimetrias entre o centro econômico global e suas periferias, o que se reflete na tendência de **reprimarização das economias nacionais e na distribuição desigual de conflitos socioambientais** [grifo nosso]” (Svampa, 2021, p. 68).

Por outro lado, esse neoextrativismo na Amazônia possui características históricas e particulares. Essa ideologia da homogeneização agrária da Amazônia segue de perto o processo de formação social, econômica e política da região, desde as drogas do sertão, passando pelos seringais, até os grandes empreendimentos agropecuários, utilizando a força de trabalho indígena, negra, de peões e de boias-frias: “[...] **a Amazônia tem vivido diferentes momentos onde, fundada na diversidade, tem sido sistematicamente negada por uma ideologia agrária homogeneizante** [grifo nosso]” (Costa, 1995, p. 12).

Entretanto, ao contrário do que pretende o neoextrativismo, o rural atualmente é um espaço diversificado, não homogêneo, cuja paisagem convive com indústrias, serviços, vias de comunicação e formas de existência de distintos grupos sociais que podem ser fatores de dinamismo ou conflitos (Wanderley, 2000, p. 89-98). A ruralidade se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos distintos. Os espaços rurais, portanto, são socialmente definidos, ocupados por grupos sociais diversos que mantêm relações distintas entre si e com os “outros” (Carneiro, 1998, p. 53-56).

Dessa forma, o artigo busca ressaltar, no mínimo, duas distintas dinâmicas rurais na Amazônia Oriental, isto é, visa entender os arranjos produtivos do extrativismo do dendê no nordeste paraense, como a agricultura por integração e, em especial, o que chamamos de “agricultura por associação” em Igarapé-Açu/PA.

O agronegócio do dendê é um exemplo de como, de forma contraditória, as distintas ruralidades são produzidas através de sua expansão. De um lado, como discutimos na primeira parte deste artigo, a economia da palma traz arranjos produtivos que integram agricultores familiares à sua cadeia de produção e, por outro, como discutido na segunda parte deste artigo, estabelece relações sociais de associação vigentes em Igarapé-Açu/PA.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Realizamos questionários fechados e entrevistas semiestruturadas com dez produtores rurais. Destes, um é proprietário da Agroindustrial Palmasa e outro da Agrocomercial Marajoara Ltda. Os questionários foram importantes para traçarmos o perfil socioeconômico dos produtores rurais — a maioria descendente de imigrantes japoneses —, bem como para verificar se conheciam a agricultura por integração em Igarapé-Açu/PA.

As entrevistas, por outro lado, proporcionaram-nos elementos qualitativos sobre o que chamamos, neste trabalho, de agricultura por associação. A partir delas, conseguimos caracterizar sociologicamente esse arranjo produtivo. Ademais, buscando compreender a agricultura por integração presente em municípios paraenses como São Domingos do Capim, Tomé-Açu, Acará, Concórdia do Pará, Irituia, Garrafão do Norte, Tailândia e Moju, mobilizamos estudos sobre o tema, a fim de ressaltar suas principais características e problemas sociais.

Vale ressaltar que não encontramos trabalhos que abordassem a questão do dendê por meio de uma perspectiva sociológica no município de Igarapé-Açu/PA. Em um primeiro momento, o enfoque desta pesquisa foi orientado por estudos sobre a agricultura por integração no nordeste paraense, até que, durante o trabalho de campo, verificamos a inexistência desse arranjo produtivo. Isso nos levou a revisitar a sociologia clássica, sobretudo a discussão sobre relações sociais em Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e Max Weber, para interpretarmos o que denominamos agricultura por associação no município.

Além disso, diversos problemas surgiram durante a pesquisa, relacionados ao acesso aos produtores rurais de dendê. As entrevistas foram realizadas entre abril e novembro de 2023. Havia total desconhecimento acerca de quem eram esses produtores, onde residiam, bem como de como e onde entrevistá-los. Nesse sentido, a seleção dos interlocutores ocorreu de forma encadeada, motivada pelo acaso. Por exemplo, a partir da primeira entrevista com um dos imigrantes japoneses — também produtor rural —, perguntei-lhe se conhecia outras pessoas, na mesma condição de imigrante e produtor rural vinculado à Palmasa, que pudessem ser indicadas; a resposta foi positiva, e assim dei continuidade à pesquisa, entrevistando produtores rurais e, simultaneamente, solicitando indicações de novos interlocutores.

Outro percalço da pesquisa refere-se aos produtores — sobretudo os mais velhos, imigrantes que introduziram o dendê no município — que não falavam fluentemente a língua portuguesa. Essa dificuldade foi contornada por meio de improviso: solicitei que algum familiar, fluente na língua japonesa, mediasse a conversa. Dessa forma, foi possível coletar os dados sobre a expansão da dendeicultura. As entrevistas com esses produtores foram realizadas em suas residências, com a mediação de um terceiro membro da família.

As entrevistas com os produtores rurais mais jovens, também decorrentes do encadeamento de contatos sociais entre os próprios produtores, foram mais tranquilas, pois esses entrevistados falam e compreendem bem a língua portuguesa, dispensando a mediação. As conversas ocorreram em locais diversos: no escritório da Palmasa, no escritório da Agrocomercial Marajoara Ltda. e na residência de alguns deles.

Do ponto de vista étnico, os imigrantes descendentes que vivem fora do Japão são chamados de nikkei e são divididos em: 1) issei (i = prefixo do número 1; sei = geração); 2) nissei, a segunda geração; 3) sansei, correspondente à terceira geração; e 4) yonsei, integrantes da quarta geração (Shimizu, 2010, p. 156).

Nossos entrevistados, todos agricultores de dendê associados à Palmasa, podem ser divididos em dois grupos de nikkei: 1) os issei — Takashi Kaiya, Masumi Nawata, Sr. Uesugui e Ichi Watanabe —, pertencentes às primeiras famílias de imigrantes japoneses que vieram para Igarapé-Açu; 2) os nissei — Osabrl Mayumi Sugaya Nawata, Tânia Mika Kaiya, Nelson Noriaki Uesugui e Nilson Kiyoshi Watanabe —, pertencentes à segunda geração.

AGRICULTURA POR INTEGRAÇÃO NA AMAZÔNIA ORIENTAL

Os estudos brasileiros sobre as relações de trabalho na dendeicultura, nos últimos anos, basearam-se, sobretudo, na análise da integração da agricultura familiar à cadeia produtiva do dendê. Trata-se de pesquisas que apontam os problemas da agricultura por integração à monocultura. Esses arranjos produtivos foram impulsionados pelo PNPB e pelo PSOP e estão presentes em municípios como São Domingos do Capim, Tomé-Açu, Acará, Concórdia do Pará, Irituia, Garrafão do Norte, Tailândia e Moju (Mota et al., 2022).

A integração dos pequenos agricultores familiares na produção de óleo de palma no Brasil teve início nos anos 2000, no município de Moju. A primeira tentativa foi estimulada pelo Projeto Novo Pará, financiado pelo governo do Estado. A segunda deu-se por meio do PNPB, voltado ao estímulo do biodiesel, e do PSOP, que visava fornecer apoio estrutural à produção de dendê, por meio da criação do Zoneamento Agroecológico (Mota et al., 2019, p. 3).

Portanto, pode-se afirmar que a agricultura por integração está relacionada, sobretudo, ao Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB): “a integração é uma relação na qual os agricultores familiares mantêm contrato com uma agroindústria para fornecer os cachos de dendê. As empresas compram o produto desses agricultores e lhes fornecem assistência e capacitação técnica” (Mota et al., 2022, p. 2).

Do ponto de vista sociológico, essa integração também pode ser analisada a partir das considerações de Chayanov (1975, 2017) sobre a concentração horizontal de capital na agricultura capitalista, que transfere, sob a forma de concentração vertical do capital, os produtos do modo de produção camponês para a indústria. Isso se evidencia no uso que as empresas dendeícolas fazem da terra e da força de trabalho dos agricultores familiares em municípios onde existem projetos de integração.

Como demonstra o Quadro 1, há diversos arranjos socioeconômicos que sustentam o neoextrativismo do dendê na Amazônia Oriental, tais como: grandes empresas, cooperativas, associações e pequenos módulos de produtores rurais. No Pará, por exemplo, identificam-se dois polos de produção de dendê. Um deles abrange os municípios de Tailândia, Moju e Acará, situados ao sul de Belém. O outro polo compreende os municípios de Benevides, Santa Izabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, Castanhal, Igarapé-Açu e São Domingos do Capim, localizados no nordeste paraense (Müller; Furlan Júnior; Celestino Filho, 2006).

Atualmente, trabalhadores e trabalhadoras rurais, agricultores e agricultoras familiares de São Domingos do Capim, Tomé-Açu, Acará, Concórdia do Pará, Irituia, Garrafão do Norte, Tailândia e Moju estão envolvidos na agricultura por integração. Antes da integração, 90% dessas famílias cultivavam mandioca, enquanto 10% não a cultivavam. Após a integração, 39% das famílias deixaram de cultivar mandioca, ao passo que 61% mantiveram esse cultivo, o que demonstra um impacto significativo na produção de mandioca entre os agricultores familiares com a chegada do dendê (Mota et al., 2022).

Quadro 01: Organização das agroindústrias de dendê no Pará, conforme região e natureza organizativa

GRANDES EMPRESAS	AGROPALMA, MARBORGES E YOSSAM: ESSAS EMPRESAS POSSUEM SUAS PRÓPRIAS PLANTAÇÕES E INDÚSTRIA DE PROCESSAMENTO DE CACHOS.
COOPERATIVAS	CONDENPA: ESSA EMPRESA POSSUI UMA USINA DE PROCESSAMENTO DE SEUS CACHOS E DAS PLANTAÇÕES DE SEUS ASSOCIADOS.
ASSOCIAÇÕES	PALMASA E DENTUA: ESSAS GROINDÚSTRIAS POSSUEM SUA PRÓPRIA USINA DE PROCESSAMENTO, PLANTAÇÕES PRÓPRIAS E RECEBEM CACHOS DE ASSOCIADOS E INDEPENDENTES.
PEQUENOS MÓDULOS DE PRODUTORES	VINCULADOS A AGROPALMA: CADA PEQUENO PRODUTOR POSSUI 50 FAMÍLIAS E DETÉM DE 10 HA A 12 HA DE DENDEIZAIS. ESTES PEQUENOS MÓDULOS SÃO VINCULADOS A UMA GRANDE EMPRESA (AGROPALMA), COMPROMETIDA A RECEBER E PROCESSAR OS CACHOS CULTIVADOS POR ELE.

Fonte: Autor (2024).

Com isso, evidencia-se que a agricultura por integração constituiu, na prática, uma forma de subordinar terra e trabalho ao neoextrativismo do dendê. No município de Irituia, por exemplo, as empresas assumem algumas obrigações em relação aos agricultores familiares, como a assinatura de contratos, a oferta de capacitação e assistência técnica, além da compra da matéria-prima produzida. Ademais, o processo de integração ocorreu sob uma lógica de “cooptação”, isto é, mediante o mapeamento dos agricultores aptos à integração, realizado por intermediárias como a Eco Dendê e a EMATER, ambas contratadas pela empresa ADM (Tavares; Mota, 2020).

Em Garrafão do Norte, com a chegada do dendê, o trabalho penoso — dividido entre as atividades na roça e no cultivo do dendê — passou a integrar a realidade dos agricultores familiares (Gomes; Mota; Schmitz, 2021, p. 13).

Em outra pesquisa, desta vez sobre a situação das mulheres agricultoras integradas ao dendê em São Domingos do Capim, verificou-se que os trabalhos produtivos, como o roçado, são tradicionalmente atribuídos aos homens, enquanto a casa seria o domínio das mulheres. Nessa divisão, o homem ocupa a esfera produtiva e a mulher, a esfera reprodutiva. Contudo, 77% das mulheres trabalham na roça, auxiliando no cultivo de feijão, milho, pimenta-do-reino e açaí. Além disso, entre 30 mulheres que assinaram contrato com o dendê, 14 (59%) acumulam simultaneamente atividades domésticas, trabalho na roça e atividades relacionadas ao dendê (Mota; Nascimento; Schmitz, 2020, p. 12).

Além desse reposicionamento na esfera produtiva, a agricultura por integração gerou, em São Domingos do Capim, uma inserção mais ativa das mulheres na esfera pública. Elas passaram a assumir a assinatura de contratos, a manter relações com instituições bancárias para obtenção de crédito e a participar de eventos promovidos pelas empresas (Mota; Nascimento; Schmitz, 2020, p. 15).

Contudo, a dendeicultura também trouxe sérios problemas para essas mulheres. Em São Domingos do Capim, elas continuam responsáveis pelos cuidados com os filhos, a casa

e o preparo dos alimentos, ao mesmo tempo que assumem tarefas no roçado. Assim, a dupla jornada — produtiva e reprodutiva — intensificou-se com a chegada do dendê (Nascimento, 2017; Nascimento; Mota, 2021).

Esses problemas também se manifestam no Baixo Tocantins. Segundo Ferreira (2016), embora os contratos tenham sido apresentados como política de inclusão por meio do biodiesel — garantida pelo Selo Combustível Social (SCS) —, na prática, o óleo produzido é destinado majoritariamente às indústrias alimentícia e cosmética, e não à produção de biodiesel.

Além disso, as comunidades de agricultores familiares submetidas às agroindústrias sofrem com práticas semelhantes ao aviamento. Nesses casos, empresas como a Agropalma assumem o transporte dos cachos até a indústria e definem unilateralmente os preços, sem consulta aos produtores. Dessa forma, o agricultor familiar torna-se dependente não apenas da assistência técnica, mas também do apoio financeiro e tecnológico da empresa (Ferreira, 2016, p. 68).

Antes da introdução do dendê em Tomé-Açu, as principais culturas eram a mandioca e a pimenta-do-reino. Mesmo após a expansão da dendeicultura, esses cultivos foram mantidos, ainda que com redução das áreas plantadas, o que, em alguns casos, levou agricultores a desmatar novas áreas para o roçado (Albuquerque, 2018, p. 115).

Alguns camponeses relatam, inclusive, a ausência de assistência técnica por parte da empresa Biopalma há mais de dois anos (Albuquerque, 2018, p. 121). Outro ponto de insatisfação refere-se à adubação: como a empresa é responsável por esse insumo, seu custo é posteriormente descontado no pagamento pela produção (Albuquerque, 2018, p. 127).

Do ponto de vista agrário, esse arranjo produtivo também aponta para uma silenciosa transferência de terras públicas para a iniciativa privada, especialmente em municípios como Tomé-Açu, onde empresas arrendam terras de pequenos produtores (Silva, 2015).

Outros estudos evidenciam a insustentabilidade do modelo, associada à descampesinização e à expropriação de terras. Nahun e Santos (2013) destacam a queda da produção de farinha na comunidade do Araguaí, em Moju, em decorrência da expansão do dendê sob influência da empresa Biopalma.

De modo semelhante, Gemaque, Filho e Beltrão (2015), ao analisarem a comunidade rural Calmaria II, na microrregião de Tomé-Açu, mostram que a agricultura por integração surgiu a partir de um assentamento do INCRA. A comunidade conta com a Associação de Moradores e Pequenos Agricultores Rurais do Assentamento Calmaria II — Comunidade Água Preta (AMOPARACAP), fundada em 7 de julho de 2003, com 35 associados. O projeto de dendê familiar teve início em 2006, envolvendo 35 famílias, cujas unidades produtivas passaram a direcionar sua força de trabalho à agroindústria.

O estudo de Saveedra (2017), sobre o assalariamento de quilombolas na comunidade Santo Antônio (Concórdia do Pará), destaca o processo de proletarização dos jovens rurais. Antes da chegada do dendê, os agricultores organizavam autonomamente seu trabalho; após a inserção da empresa, passou a prevalecer uma lógica assalariada, com controle externo do tempo e das atividades (Saveedra, 2017, p. 111).

Nesse contexto, a Biopalma absorve, sobretudo, a força de trabalho jovem, em parte porque programas sociais reduzem a necessidade de inserção precoce no trabalho agrícola e também porque os jovens aspiram a emprego e escolarização (Saveedra, 2017, p. 112-114).

Entre os trabalhadores pesquisados, todos foram contratados diretamente pela empresa, e nenhum possuía vínculo com sindicato rural, apesar da previsão contratual de acesso sindical (Saveedra, 2017, p. 117).

Apesar desses processos, a agricultura por integração também produz formas contraditórias de resistência. Monteiro (2017), ao analisar o Vale do Acará à luz da teoria de Pierre Bourdieu, demonstra que, mesmo diante da proletarização, os trabalhadores mantêm um habitus camponês, expresso no desejo de retornar à roça e à autonomia produtiva.

De modo semelhante, Sousa (2018) evidencia processos de recriação camponesa em municípios como Acará, Bujaru e Concórdia do Pará. Nessas localidades, relações de vizinhança, reciprocidade e organização comunitária permitem a resistência frente à expansão do dendê.

Exemplos dessa resistência incluem associações de agricultores no nordeste paraense. Em Tomé-Açu, destaca-se a atuação da Associação Bujaruense de Agricultores e Agricultoras (ABAA), que promove a valorização da produção de mandioca e pimenta-do-reino, além de viabilizar melhores condições de comercialização. Em Nova Esperança, a Associação dos Produtores Rurais (ASPRUNE) tem fortalecido a fruticultura como base produtiva (Sousa, 2018, p. 310).

Estudo recente de Silva (2025) aponta que a venda da Biopalma para o grupo Brasil Biofuels (BBF) trouxe mudanças significativas para comunidades rurais, como a Vila Vera Cruz, em Acará, marcadas por desemprego e reconfiguração das atividades tradicionais.

Portanto, a agricultura por integração engendra, de um lado, problemas sociais que afetam os agricultores familiares — ao substituir seu modo de produção —, mas, de outro, também produz mecanismos de resistência ao neoextrativismo do dendê.

De modo geral, os estudos destacam problemas como: aumento do trabalho penoso e da proletarização; expansão do dendê sobre terras familiares; redução de culturas de subsistência; fortalecimento de ações coletivas de resistência; e insuficiência de apoio técnico por parte das empresas.

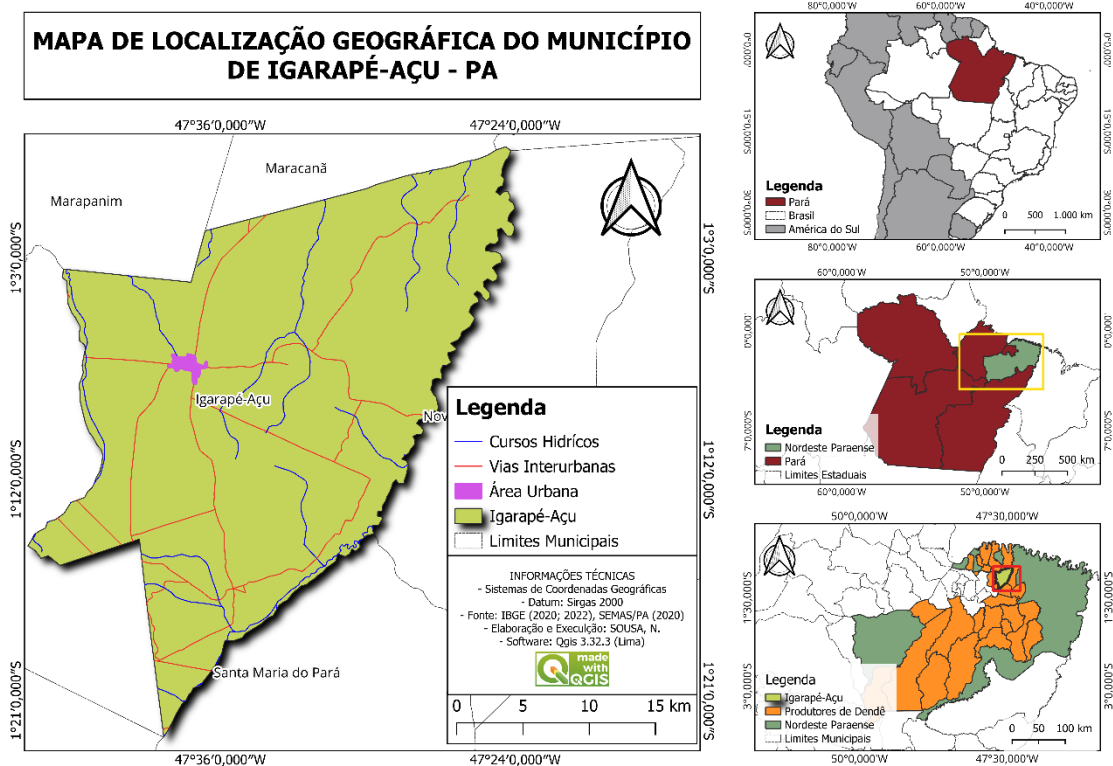
Assim, as principais problemáticas da agroindústria do dendê concentram-se na relação desigual entre agricultores familiares e empresas nos municípios do nordeste paraense e do Baixo Tocantins. Nessas condições, as relações de trabalho configuram-se como relações entre agricultores familiares e capitalistas do dendê, marcadas por desequilíbrios econômicos e intensificação do trabalho, conforme observa Abramovay (1998).

Todavia, em Igarapé-Açu/PA, esse modelo de integração — no qual o dendê subordina a agricultura familiar — não se verifica. Nesse contexto, as relações sociais se estabelecem, sobretudo, entre médios e grandes produtores rurais, que contratam sua própria força de trabalho, e a agroindústria Palmasa.

ASPECTOS GERAIS DO AGRONEGÓCIO DO DENDÊ EM IGARAPÉ-AÇU/PA

O lócus de nossa pesquisa é Igarapé-Açu, município do nordeste paraense, ilustrado no mapa da imagem 1, com área territorial de 785.983 km², população de 38.807 pessoas, densidade demográfica de 45,2 hab./km² e índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,595 (IBGE, 2021). Os plantios de dendê no município, onde se encontram as relações sociais de associação capitalista que pretendemos estudar, estão vinculados a uma única agroindústria na cidade: PALMASA S.A.

Imagem 01: Mapa do município de Igarapé-Açu/PA



Fonte: Gonçalves (2024).

A fundação da Palmasa ocorreu em decorrência da imigração japonesa para Igarapé-Açu, iniciada por volta da década de 1960. Os responsáveis pela fundação da Agroindustrial PALMASA LTDA., cujo início das construções civis data de 1.º de janeiro de 1987, foram os japoneses Ichio Miyagawa, Nobuo Sakagami, Mitsuo Nawata, Ichi Watanabe, Eijiro Endo, Tameji Sasamoto, Hideaki Sasamoto, Michio Kishimoto, Kesayuki Miyagawa, Sei Tanabu, Shigemitsu Nishioka, Tsutomu Sakanoue, Koron Kudo, Shinichi Nakagawa, Takayoshi Saito, Yoshiyuki Uesugi, Akira Kudo, Hiroshi Sato, Satoshi Ichijo, Teruyuki Hino, Kenji Yamazaki, e os brasileiros Arivaldo Bezerra de Salles e José Furlan Jr. (Palmasa, 2021).

Em 15 de janeiro de 1988, a Agroindustrial PALMASA LTDA. transformou-se em Agroindustrial PALMASA S.A., tendo como acionistas a Agrocomercial Verde-Açu Ltda. (empresa comercial da colônia japonesa, com atividades mercantis e rurais), os imigrantes japoneses Ichio Miyagawa, Nobuo Sakagami, Mitsuo Nawata, Sei Tanabu e Ichi Watanabe (seu principal fundador), além dos brasileiros Arivaldo Bezerra de Salles e José Furlan Jr. (Palmasa, 2021).

A cadeia produtiva da agroindustrial Palmasa, ilustrada na imagem 2, divide-se em: (1) produção agrícola/campo (processo correspondente ao fornecimento de matéria-prima); (2) industrialização (processo correspondente à extração e ao beneficiamento dos frutos pela usina/indústria); e (3) comercialização (processo que indica o destino final dos produtos beneficiados) (Palmasa, 2021).

Além de receber cachos de produtores rurais, a Palmasa também possui terras próprias. Segundo seu histórico: “Atualmente, a área de plantios de dendê ao redor da Palmasa possui 7.000 hectares, sendo 3.500 hectares de plantios adultos e 3.500 hectares de plantios jovens” (Palmasa, 2021).

Desses 7.000 hectares, 3.200 são administrados pela empresa Agrocomercial Marajoara Ltda., conforme informações obtidas com seu proprietário, Nilson Kiyoshi Watanabe. Segundo ele, a Agrocomercial Marajoara Ltda. é uma empresa subsidiária, criada em 2009, para cuidar dos plantios de dendê da própria Palmasa que fornecem frutos para a indústria. Assim como os produtores rurais e a própria Palmasa, a empresa não firma contratos com agricultores familiares, preferindo manter terras próprias e dispensar processos de arrendamento. Sobre sua organização, destaca-se o seguinte relato:

Porque a Marajoara é um grupo, né? A Palmasa é beneficiada, porque faz o beneficiamento desse fruto. Então, para ter fruto, a gente montou essa empresa, Marajoara, que é somente agrícola. Essa empresa é formada por quatro pessoas, duas famílias. Divide-se, então, em dois proprietários da Palmasa e dois proprietários da Marajoara, sendo que os quatro são diretores da Palmasa. (Nilson Kiyoshi Watanabe, proprietário da Agrocomercial Marajoara Ltda.).

A empresa possui, nesse sentido, plantios próprios e contrata sua própria força de trabalho. Sobre os aspectos qualitativos da organização do trabalho na Agrocomercial Marajoara, Nilson Kiyoshi Watanabe forneceu informações relevantes: “Tem essa particularidade do trabalho rural [...], tem a parte da irrigação, tem a parte de limpeza. Então, são atividades que vão além da colheita [...]; como eu falei, tem a parte da logística, do maquinário, da adubação, da fitossanidade, então envolve muita coisa” (Nilson Kiyoshi Watanabe, proprietário da Agrocomercial Marajoara Ltda.).

Em Igarapé-Açu, houve, por um breve período, a tentativa da Palmasa de apoiar projetos de integração de agricultores familiares à cadeia produtiva do dendê, com vistas à obtenção do Selo Combustível Social (SCS). Entretanto, persistem dúvidas quanto à natureza desse projeto, isto é, se ele foi, à época, estimulado pelos programas governamentais PNPB e PSOP, que buscavam inserir o dendê como matéria-prima para biocombustíveis.

As dúvidas se mantêm, pois, entre os 10 produtores rurais entrevistados (tanto os mais antigos quanto os mais novos — ver quadro 2), incluindo aqueles que também são acionistas da Palmasa, 100% afirmaram não conhecer o SCS, certificação concedida a empresas dendeícolas que promovem a integração de agricultores familiares às suas cadeias produtivas.

Além disso, conforme também demonstra o quadro 2, chama a atenção o fato de que 90% dos produtores rurais são japoneses que se autodeclararam da cor amarela e que, entre os associados à Palmasa, predomina a posse de terras variando entre 100 ha e 500 ha. Isso permite caracterizá-los como médios e grandes produtores rurais de dendê, isto é, capitalistas que estabelecem relações sociais entre si.

Quadro 02: Perfil socioeconômico dos produtores rurais entrevistados

Nº DE PRODUTORES RURAIS QUE RESPONDERAM	10
Nº DE PESSOAS QUE AUTODECLARARAM GÊNERO - %:	MASCULINO: 70%
	FEMININO: 30%
INTERVALO DE IDADE	43 ANOS A 84 ANOS
Nº DE FILHOS	2 A 3
Nº DE PESSOAS QUE AUTODECLARARAM COR/RAÇA - %	Preto: 0%
	Branco: 0%
	Pardo: 10%
	Amarela: 90%

N° DA ESCOLARIDADE - %	E N S I N O
	FUNDAMENTAL: 10%
	ENSINO MEDIO: 50%
	ENSINO SUPERIOR: 40%
N° DO LOCAL DE MORADIA - %:	NAO DECLARARAM: 0%
	ZONA RURAL: 0%
	ZONA URBANA: 100%
N° DA MÉDIA SALARIAL -	DE UM SALÁRIO MÍNIMO A MAIS DE TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS.
N° DE HECTARES DE TERRAS	100 HA A 500 HA
N° DAS PESSOAS QUE POSSUEM POSSE/PROPRIEDADE DE TERRAS - %:	POSSUEM: 0%
	NAO POSSUEM: 100%
N° DE PRODUTORES QUE RETIRAM SUA RENDA TOTAL DO DENDÊ - %	RETIRAM: 100%
	NAO RETIRAM: 0%
N° DE PRODUTORES QUE POSSUEM OU NÃO FILIAÇÃO COM SINDICATOS PATRONAIS - %:	POSSUI: 50%
	NAO POSSUI: 50%
N° DE PRODUTORES RURAIS QUE AFIRMAM CONHECER O SCS E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES A CADEIA PRODUTIVDA DO DENDÊ - %	CONHECEM: 0%
	NAO CONHECEM: 100%

Fonte: Autor (2024).

Por outro lado, com base em nossas entrevistas qualitativas, percebemos que 100% dos contratos com os 10 produtores rurais entrevistados servem apenas para a formalização do fornecimento de cachos de dendê para a Palmasa, sem compromisso com a agricultura familiar.

Sobre as características das terras dos produtores rurais, o histórico da Palmasa ressalta:

Todos possuem áreas de plantio, compreendidas entre 5 e 600 hectares, individualmente localizadas em um raio de até 25 km da usina. Os plantios contam com estradas secundárias de terra e vias vicinais para o escoamento da produção até a usina, e os produtos (óleo de palma, óleo de palmiste, estearina ácida de palma e torta de palmiste) também dispõem de rodovias asfaltadas para escoamento a outros estados do país. A logística modal permite, ainda, a realização de exportações pelo porto da Agropalma, no bairro Tapanã, em Belém (Palmasa, 2021).

Dessa forma, o neoextrativismo do dendê em Igarapé-Açu, territorializado pelos imigrantes japoneses, não contempla a integração de agricultores familiares, ocorrendo exclusivamente por meio da contratação de força de trabalho assalariada e de uma relação associativa com médios e grandes produtores rurais de dendê. Ou seja, a agroindustrial Palmasa, que iniciou suas atividades na década de 1980, recebe os cachos dos próprios produtores japoneses filiados à agroindústria e, por isso, dispensa o fornecimento por agricultores familiares.

Sobre a integração de agricultores familiares a empresas de dendê, a EMATER local elaborou projetos para 22 famílias, mas não obteve financiamento junto aos bancos (Banco do Brasil e BASA) [grifo nosso]. Para os técnicos da EMATER, isso ocorreu porque a Palmasa não apoiou os projetos de financiamento, por não ter interesse na integração com agricultores familiares e, portanto, não assumiu o compromisso de garantir a compra da produção, inviabilizando os projetos (Silva; Alves, 2017, p. 17).

Assim, como observam os autores, apesar do esforço da EMATER para organizar um projeto de integração para 22 famílias, não houve financiamento junto ao Banco do Brasil e ao BASA, nem apoio da agroindustrial Palmasa, que preferiu não assumir, à época, o compromisso de comprar a produção familiar de cachos de dendê. Isso fica evidente na fala de um dos produtores rurais associados à Palmasa, por nós entrevistado: “Não, a gente não tem isso aqui [contrato com agricultores familiares]. Tem contrato, né? Contrato com o produtor [...]. É contrato de fornecimento. Contrato de compra e venda” (Carlos Satoshi Nawata, 45 anos).

AGRICULTURA POR ASSOCIAÇÃO EM IGARAPÉ-AÇU/PA

A sociologia, sobretudo a alemã, em sua versão clássica, tem dado contribuições significativas para a compreensão das relações sociais em sociedades capitalistas e não capitalistas. Por outro lado, pode-se afirmar que tanto a agricultura por integração quanto a agricultura por associação são relações sociais tipicamente capitalistas, apesar de representarem dinâmicas distintas, como lembram os autores das novas ruralidades (Wanderley, 2000; Carneiro, 1998; Silva; Del Grossi, 2005; Laubstein, 2011).

Dessa maneira, a monocultura do dendê, por ser uma atividade neoextrativista, também está vinculada ao surgimento do novo rural e às suas distintas ruralidades. Laubstein (2011, p. 94) entende que o “novo rural” caracteriza-se por um conjunto de atividades tradicionais que passaram a ser desenvolvidas no campo. Essas atividades estruturam-se pela incorporação de novos produtos agropecuários e industriais, pela prestação de serviços e por atividades de entretenimento.

Esse “novo rural”, no qual a economia do dendê está inserida, possui três grandes atividades, a saber: (1) uma agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; (2) um conjunto de atividades não agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a diversas atividades industriais e de prestação de serviços; e (3) um conjunto de “novas” atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercado (Silva; Del Grossi, 2005, p. 170). A dendeicultura representa a ruralidade das commodities e das agroindústrias, baseada na agricultura por integração e na agricultura por associação.

As relações sociais capitalistas podem ser analisadas por meio de distintas abordagens sociológicas. Para Tönnies (1973, p. 96), as relações sociais, de qualquer tipo, para existirem, necessitam da reciprocidade das ações e das vontades humanas. Compreensão semelhante é a de Simmel (2021, p. 40) sobre “sociação”, que, enquanto forma social, realiza-se de diversas maneiras pelas quais os indivíduos constituem uma unidade fundamentada em determinados interesses — ideais, materiais, conscientes ou inconscientes, efêmeros ou duradouros — dentro da qual esses interesses se realizam. As sociações são, portanto, formas históricas nas quais os indivíduos, com seus interesses e intencionalidades, associam-se e dissociam-se uns dos outros.

Desse modo, para interpretar a agricultura por associação do neoextrativismo do dendê presente em Igarapé-Açu/PA, faz-se necessário recorrer a Simmel, com sua categoria de “sociação”; a Tönnies, com seu conceito de “sociedade” em oposição ao de “comunidade”²; e a Max Weber, com sua categoria de “relação social associativa”. Tönnies (1976, p. 95)

2 Para Tönnies (2021, p. 94), a comunidade é uma associação não pactuada de indivíduos compreendidos em sua vida real e orgânica, em que suas vontades são unidas, sobretudo, pela afetividade.

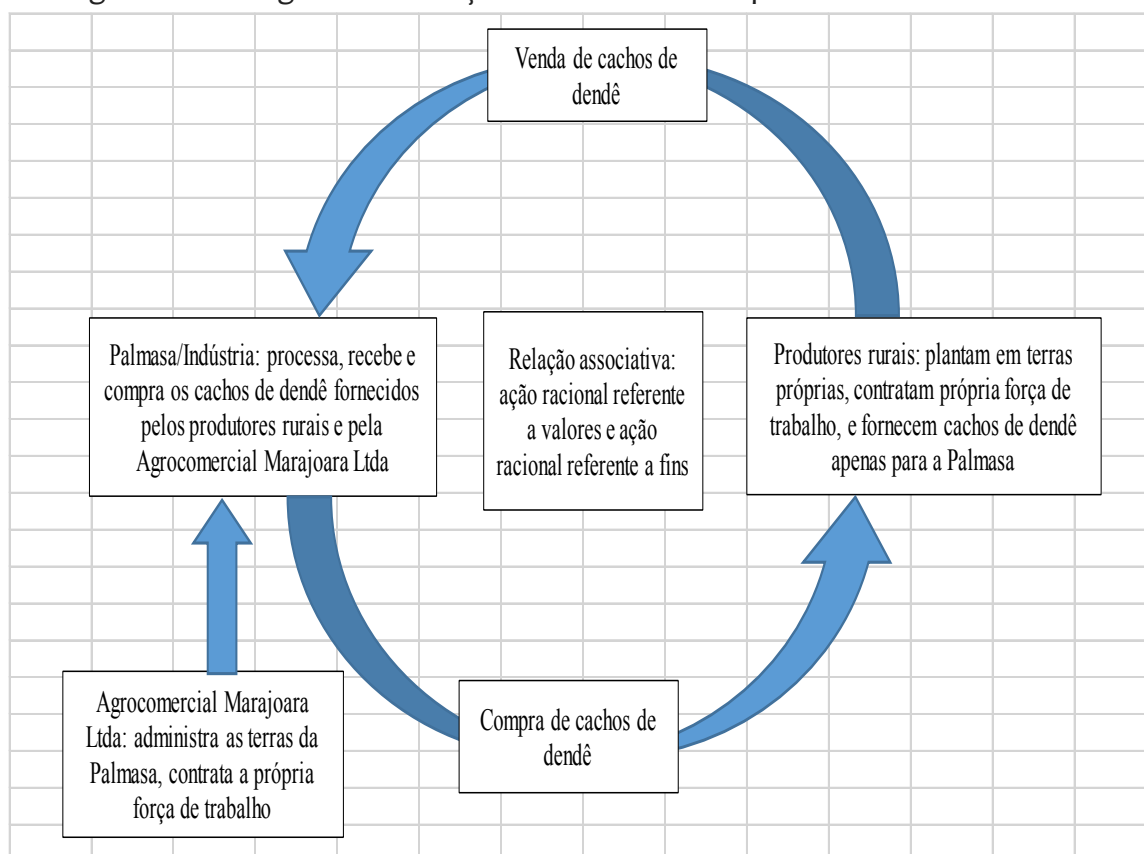
compreende a sociedade como uma representação associativa pactuada, mecânica e virtual das vontades dos indivíduos; nessa sociedade, a racionalidade de um contrato de compra e venda de uma mercadoria, por exemplo, expressa as vontades dos indivíduos em uma sociedade moderna.

Weber desenvolve a tese tönniesiana de “sociedade” por meio do conceito sociológico de “relação social associativa”. Partiremos desse conceito, sobretudo, para interpretar as relações sociais capitalistas em Igarapé-Açu/PA.

Sobre a relação social “associativa”, Weber assim a define:

Uma relação social denomina-se ‘relação associativa’ [grifo nosso] quando e na medida em que a atitude na ação social repousa em um ajuste ou em uma união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou a fins). A relação associativa, como caso típico, pode repousar especialmente (mas não unicamente) em um acordo racional, por declaração recíproca. Então, a ação correspondente, quando é racional, está orientada: a) de maneira racional referente a valores, pela crença no compromisso próprio; b) de maneira racional referente a fins, pela expectativa da lealdade da outra parte (Weber, 2015, p. 25).

Imagem 02: Fluxograma da relação associativa entre produtores rurais e Palmasa



Fonte: Autor (2024).

Desse modo, encontramos, como veremos mais adiante, entre os produtores rurais e a Agroindustrial Palmasa, em Igarapé-Açu/PA, uma “relação associativa”, ilustrada no fluxograma da imagem 2, no sentido weberiano, na qual predomina a união de interesses

— pactuados ou verbalizados — racionalmente motivados com referência a valores, fechada para dentro (a confiança nos “parceiros” que fornecem os cachos somente para a agroindústria Palmasa desde sua fundação), e racionalmente motivados com referência afim, o que corresponde à busca pelo lucro por meio da comercialização dos cachos para processamento na etapa industrial da agroindústria, aberta para fora.

Sobre essa relação associativa, a fala de um de nossos entrevistados é emblemática. Ele nos disse, de forma objetiva, que, em Igarapé-Açu, o único tipo de contrato firmado é aquele entre médios e grandes produtores rurais de dendê para a compra e venda de cachos: “Não, é contrato direto [com agricultura familiar]. Vendo direto para a Palmasa. Mas a gente tem um tipo de contrato. Não me lembro mais, mas a gente assina esse contrato aí [de fornecimento]” (Nelson Noriaki Uesugui, 56 anos).

Assim, sob a influência da monocultura do dendê em Igarapé-Açu, existem relações sociais de compra e venda de cachos entre médios e grandes produtores rurais, que fornecem exclusivamente para a Palmasa. Contudo, essa relação social de fornecimento de cachos não é sustentada apenas por uma racionalidade contratual de interesses e motivações econômicas; pelo contrário, há nela uma dimensão cultural, não econômica, de caráter fechado, autônoma e autocéfala, na qual se privilegiam indivíduos de ancestralidade japonesa, como membros da associação, e se nega a participação de indivíduos de nacionalidade brasileira:

Não, não tem contrato [para o fornecimento de cachos]; aqui é confiança. Eles [japoneses] não enganam, os brasileiros enganam. Confiança, todo mundo gostou [...]. Não, não fazemos. Porque não é fácil, é difícil. Porque nós somos um grupo de agricultores que montou. Depois ensinava o produtor, que ensinava os outros. Hoje tem agrônomo orientando agricultor de casa em casa. Então, apoio para agricultor familiar nós passamos; apoio a gente passa (Ichi Watanabe, 76 anos).

Dessa forma, além do apreço pelos japoneses, os produtores rurais preferem estabelecer relações socioeconômicas com seus semelhantes — e não com estranhos — que já estavam presentes na fundação da Palmasa, sinalizando, com isso, a existência de uma relação associativa autônoma e autocéfala, fechada para dentro, com forte peso da tradição:

Autonomia significa, em oposição à heteronomia, que a ordem da associação não é estatuída por estranhos, mas pelos próprios membros enquanto tais [grifo nosso] (não importando a forma em que isto se realize). Autocefalia significa que o dirigente da associação e o quadro administrativo são nomeados segundo a ordem da associação [grifo nosso] e não, como no caso da heterocefalia, por estranhos (não importando a forma em que se realize a nomeação) (Weber, 2015, p. 31).

Assim, é a tradição, e não apenas a busca pelo lucro, que ajuda a formar o conteúdo da associação capitalista sob a influência da monocultura do dendê em Igarapé-Açu/PA. O peso da ação social tradicional faz com que, por exemplo, a duração dos contratos para o fornecimento dos cachos de dendê seja longa entre antigas famílias da cidade: “Os contratos que a gente tem são com parceiros mais antigos, de 20 a 30 anos [de parceria com a empresa]. Não temos isso aí [Selo do Combustível Social]” (Olsvaldo Mitio Miyagawa, 49 anos).

Desse modo, são antigos produtores de dendê, com contratos de mais de 30 anos, que fornecem cachos para a Palmasa. Os “parceiros mais antigos” são os indivíduos responsáveis pelo monopólio da cultura no município, buscando, com isso, por meio de ações racionais

referentes afins — isto é, a busca pelo lucro — e de ações tradicionais, baseadas no costume, a manutenção de suas posições como estratos sociais dominantes na sociedade:

[...] de modo racional referente afins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como ‘condições’ ou ‘meios’ para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso [...]; de modo tradicional: por costume (Weber, 2015, p. 15).

Assim, as relações sociais capitalistas sob a influência do neoextrativismo do dendê em Igarapé-Açu possuem um duplo aspecto. Por um lado, pautam-se em uma abertura para fora, isto é, para a comercialização de cachos de dendê no mercado nacional, voltada à produção de cosméticos e alimentos, por meio de uma ação racional referente a fins que visa ao lucro. Além disso, amparam-se na tradição, na medida em que constituem uma relação associativa autônoma e autocéfala — isto é, fechada para dentro — que aceita como membros apenas indivíduos de descendência japonesa.

Essa agricultura por associação autônoma e autocéfala assemelha-se, na verdade, ao “mura”, isto é, ao modo de organização rural estabelecido pelos imigrantes japoneses na Amazônia paraense. O mura é uma representação de ordem socioespacial na qual se dividem as tarefas entre o senchô, chefe da aldeia, e seus subordinados, encarregados de lidar com assuntos da vida cotidiana, como educação, cultura, finanças e agricultura. Nesse contexto, tanto a aldeia quanto seus habitantes possuem forte ligação com a ancestralidade: “O mura é uma forma de organização socioespacial que provém do meio rural do Japão [...]. O conceito de mura [...] implica também uma ligação sentimental muito forte, pois é igualmente o lugar onde vivem os antepassados” (Shimizu, 2010, p. 154).

Assim, guardadas as particularidades históricas, a relação associativa sob a base do neoextrativismo do dendê, em Igarapé-Açu, acaba reproduzindo alguns aspectos do mura japonês. Sobre esse caráter fechado da relação associativa, semelhante ao mura, as palavras do entrevistado são descritivas:

Sempre foi só para a Palmasa [...]. A gente gosta de fidelizar. Com a gente começou junto, em tempos bons, a gente fica junto; em tempos ruins, ficamos juntos. Essa é a nossa ideia, né? [...]. Uma parceria boa é quando há reciprocidade. Se a parceria começa a ver apenas o próprio lado, então a parceria não funciona (Nelson Noriaki Uesugui, 56 anos).

Em suma, no neoextrativismo do dendê, em Igarapé-Açu, ocorre a reprodução de um caráter simultaneamente aberto e fechado, que pode ser traduzido na relação dialética entre tradição e modernidade. O tradicional passa a ser dominado e transfigurado pelo moderno sem, contudo, ser eliminado, com o objetivo de assegurar o domínio capitalista sobre a terra: “Nesse campo, é possível perceber elementos de tradição e modernidade como fundamento das lutas pela propriedade e posse da terra” (Castro, 1999, p. 40).

Essa relação dialética entre tradição e modernidade — entre fechar-se em si mesmo, com os japoneses, em oposição aos estranhos, e abrir-se para estes, buscando a comercialização dos cachos de dendê — é um, dentre vários outros, traço particular do que se denomina “agricultura por associação” em Igarapé-Açu/PA: “O interesse econômico, por exemplo, realiza-se tanto pela concorrência quanto pela organização planejada dos produtores, **às vezes fechando-se a outros grupos econômicos, às vezes associando-se** [grifo nosso]” (Simmel, 2021, p. 42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O neoextrativismo do dendê homogeneiza os territórios nos quais se expande, transformando terra, trabalho e natureza em mercadorias. Contudo, neste artigo, buscamos demonstrar as ruralidades que acompanham a economia da palma. Destacamos, para isso, a agricultura por integração e o arranjo produtivo denominado, por nós, de agricultura por associação.

A maioria dos estudos sobre a agricultura por integração, aqui reunidos, aponta que esse arranjo socioeconômico existe, na Amazônia Oriental, graças ao Programa Nacional de Produção do Biodiesel (PNPB). As empresas dendeícolas firmam contratos de cooperação com os agricultores familiares, subsidiando-os com assistência técnica e incentivo econômico, a fim de obterem o Selo do Combustível Social (SCS), para que, em troca, os agricultores plantem, em suas terras, mudas de dendê e forneçam os cachos para que as empresas realizem seu beneficiamento.

Entretanto, ocorrem diversos problemas socioeconômicos, seguidos de re-existências ao neoextrativismo do dendê, porque, como demonstramos, essa integração reduz as terras destinadas às culturas não permanentes, proletariza os camponeses, proporciona trabalho penoso aos agricultores e, além disso, endivida as famílias e, em alguns casos, deixa esses grupos sociais vulneráveis e sem assistência técnica.

Em Igarapé-Açu/PA, no entanto, não existe agricultura por integração. A Agroindustrial Palmasa estabelece relações mercantis com médios e grandes produtores rurais a ela associados. Essa não integração dos agricultores familiares é sintomática, uma vez que 100% dos produtores rurais entrevistados afirmaram não conhecer o SCS, e 100% declararam desconhecer o processo de integração de agricultores familiares às cadeias produtivas da agroindústria.

As entrevistas, por outro lado, revelaram as intencionalidades que estão na base da agricultura por associação em Igarapé-Açu/PA. Existem, nessa relação social, dimensões racionais e tradicionais que dão forma a esse arranjo produtivo. Trata-se de uma relação associativa entre médios e grandes produtores rurais de dendê, que fornecem cachos para serem processados na Agroindustrial Palmasa; isto é, uma relação associativa, pactuada ou verbalizada, amparada em uma ação racional referente a fins, que busca o lucro por meio da comercialização de cachos de dendê. Por isso, possui um caráter aberto ao mercado.

Essa relação associativa, ademais, possui um caráter fechado, pois privilegia a participação, nesse arranjo produtivo, de descendentes japoneses de famílias que estiveram presentes na fundação da Palmasa, ainda em 1987. Essa dimensão tradicional, organizada pelo costume, sinaliza para uma relação associativa de caráter autônomo e autocéfalo, isto é, fechada para dentro.

Por fim, a principal característica da agricultura por associação em Igarapé-Açu é a relação dialética entre suas dimensões tradicionais e modernas, que asseguram aos grupos econômicos associados à Palmasa o domínio sobre a terra. Portanto, com esta pesquisa, buscamos apenas apontar algumas das múltiplas ruralidades que estão na base do neoextrativismo do dendê. Esperamos, com isso, contribuir para os estudos sobre a monocultura da palma na Amazônia Oriental, estimulando críticas e novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Jadson. *Agricultura camponesa e o agronegócio do dendê no município de Tomé-Açu (PA)*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2018.

ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. ed. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CARDOSO, M. K. S. *A dendeicultura em Igarapé-Açu/Pará: Um olhar sobre as relações de trabalho que tipificam o trabalhador rural na agroindustrial Palmasa*. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2024.

CASTRO, Edna. *Tradição e modernidade: a propósito de processos de trabalho na Amazônia*. *Novos cadernos NAEA*, v. 2, n. 1, 1999.

COSTA, Francisco de Assis. *Amazônia: modelos econômicos, ideologia e história*. In: CASTRO, E.; MORUA, E.; MAIA, LS. *Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço*. Belém: UFPA, 1995.

CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. *Estudos sociedade e agricultura*, 1998. Acesso: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/135>. Acesso: 30 out. 2023.

CHAYANOV, Alexander V. *A teoria das cooperativas camponesas*. ed. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

EMBRAPA. *Dendê é opção para plantio em 30 milhões de hectares da Amazônia*. 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/14817957/dende-e-opcao-para-plantio-em-30-milhoes-de-hectares-da-amazonia>>. Acesso: 19 dez. 2025.

FERREIRA, Vanilda Araújo. *As influências socioeconômicas e ambientais da cadeia produtiva do dendê no desenvolvimento local do baixo Tocantins*. Dissertação Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2016.

GOMES, Dérick Lima; MOTA, Dalva Maria; SCHMITZ, Heribert. *Agricultores familiares, agroindústrias de dendê e a integração produtiva na Amazônia paraense*. *Caminhos de Geografia*, v. 22, n. 83, p. 301-320, 2021.

IBGE. *Dados sobre a população de Igarapé-Açu*. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-acu/panorama>>. Acesso: 25 dez. 2023.

LAUBSTEIN, Fernanda Cristina. *A RURALIDADE ONTEM E HOJE: Uma análise do rural na contemporaneidade*. *Revista Aurora*, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1277>. Acesso: 30 out. 2023.

MONTEIRO, Marcílio de Abreu. *Habitus, governanças institucionais e trajetórias tecnológicas: uma análise sociológica do espaço, o caso da expansão do óleo de palma (dendê) no Vale do Acará, Pará*. Tese de Doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2017.

MOTA, Dalva Maria; NASCIMENTO, Diocélia Antônia Soares do; SCHMITZ, Heribert. *Mulheres com contratos de integração para a produção de dendê no Pará: redefinindo relações de gênero?* *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 58, p. e192796, 2020.

MOTA, Dalva Maria, et al. *A agricultura familiar e a produção de dendê por contrato no Nordeste paraense*. Belém: UFPA, 2022.

MOTA, Dalva Maria, et al. Does oil palm contract farming improve the quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon. *ETFRN News*, v. 59, 2019.

MOTA, Dalva Maria; JÚNIOR, Moisés Mourão; SCHMITZ, Heribert. Oil Palm Cultivation in the Brazilian Amazon: State Actions, Interest Groups, and Conflict. In: BONANNO, Alessandro; CAVALCANTI, José Saleste Barbosa (Org). *State Capitalism under Neoliberalism: The case of Agriculture and food in Brazil*. Luxington Books: Lanhan, 2019. p. 93-111.

MÜLLER, Antônio Agostinho; FURLAN JÚNIOR, José; CELESTINO FILHO, Pedro. A Embrapa Amazônia Oriental e o agronegócio do dendê no Pará. *Embrapa Amazônia Oriental- Documentos (INFOTECA-E)*, 2006. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/394940/1/Doc257.pdf>>. Acesso: 16 set. 2020.

NASCIMENTO, Diocélia; MOTA, Dalva Maria. Mulheres na dendeicultura paraense: possibilidade de autonomia. *Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em periódico indexado (ALICE)*, 2021. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/1127050>>. Acesso: 09 jun. 2021.

NASCIMENTO, Diocélia Antônia Soares. *Trabalho e autonomia em campo de domínio masculino: mulheres que têm contratos de produção com agroindústrias de dendê em São Domingos do Capim - PA*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas, 2017.

NAHUN, J. S; SANTOS, S. S. SANTOS, C. B. A formação da dedeicultura na Amazônia paraense. *Mercator*, Fortaleza, v. 19, p. 1-14. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198422012020000100207&script=sci_a_bstract&lng=pt>. Acesso: 16 set. 2020.

NAHUN, J. S; SANTOS, C. B. *Impactos socioambientais da dendeicultura em comunidades tradicionais na Amazônia Paraense*. ACTA geográfica. Boa Vista.

Ed. Esp. Geografia Agrária, p. 63-80. 2013. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/1953>>. Acesso: 21 abr. 2020.

PALMASA. *Histórico da Palmasa*. 2021. Disponível em: <https://www.palmasa.com.br/index.php/pt/historico>. Acesso: 16 dez. 2022.

SAAVEDRA, M. O “ir” para o assalariamento na agroindústria de dendê e o “voltar” para a comunidade quilombola: o caso de Santo Antônio em Concórdia do Pará. Tese de Doutorado. Dissertação. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2017.

SVAMPA, Maristella. O desenvolvimento e suas crises: experiências globais. In: KOTHARI, A. et al (Org). *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Editora Elefante, 2021. p. 66-70.

SILVA GEMAQUE, Amanda Madalena; FERREIRA FILHO, Hélio Raymundo; BELTRÃO, Norma Ely Santos. A dendeicultura na Amazônia: adoção do projeto Dendê Familiar em uma comunidade rural no Estado do Pará. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 11, n. 3, 2015. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1966/0>>. Acesso: 13. set. 2021.

SILVA, E. P. *Agroestratégias e monocultivos de dendê: a transparência silenciosa das terras da reforma agrária para o grande capital na Amazônia paraense*. Dissertação de

mestrado. Belém. Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7630>>. Acesso: 21 abr. 2020.

SILVA, Edfranklin Moreira da; ALVES, Livia Navegantes. A ocupação do espaço pela dendeicultura e seus efeitos na produção agrícola familiar na Amazônia Oriental. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 30, 2017. Acesso: 16. mai. 2023. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/11843>>. Acesso: 22. mai. 2023.

SILVA, José Graziano; DEL GROSSI, Mauro Eduardo; CAMPANHOLA, C. O Novo Rural Brasileiro: uma atualização. In: *Anais do XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural*. Ribeirão Preto, SP., Anais. 2005.

SILVA, Paola Nycole Brito. *Impactos Sociais da Dendeicultura: o desemprego como realidade emergente na Vila Vera Cruz, Acará/PA*. Trabalho de Conclusão de Curso. Castanhal: Universidade do Estado do Pará, 2025.

SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In: SIMMEL, Georg. *Sociologia: Estudos sobre as formas de sociação*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021. p. 55-77.

SOUSA, Rafael Benevides de. *Recriação camponesa e o agronegócio do dendê no Nordeste Paraense*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2018.

SHIMIZU, Isabel. Outro mura, outros japoneses. Herança do Kasato-Marú. *Novos Cadernos NAEA*, p. 153-168, v. 13, n. 2, 2010.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideias. In: FERDANDES, Florestan (Org). *Comunidade e sociedade: leituras sobre o problema conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1973. p. 96-285.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas—o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos sociedade e agricultura*, 2000. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/178>. Acesso: 30 out. 2023.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. v. 1. ed. 4. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.